



ALTERIDADE E AUTORITARISMO EM PAULO FREIRE

Eixo 02 – Educação, Comunicação: fundamentos e teorias;

Douglas Eduardo Bueno de SIQUEIRA¹
Genivaldo de Souza SANTOS²

RESUMO

A presente pesquisa deseja contribuir no debate de um dos temas emergentes em nossos dias, que tem a ver com a configuração do autoritarismo no contexto escolar contrastando com a relação professor-aluno quando esta é pautada pelo reconhecimento e pela valorização da alteridade. Partindo das orientações metodológicas da pesquisa qualitativa, sintetizamos nosso problema de pesquisa nos seguintes termos: Quais os sentidos do autoritarismo e da alteridade em Paulo Freire e suas possíveis contribuições à formação escolar? Por meio dessa questão, visamos compreender os conceitos de autoritarismo e alteridade no contexto escolar, e seus efeitos na formação escolar, por meio da análise das obras *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia dos sonhos possíveis*, de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE: Autoritarismo; Alteridade; Professor-Aluno; Escola.

ABSTRACT

This research wants to work and contribute to the debate of one of the emerging themes in our days, which has to do with the configuration of authoritarianism in the school context and its antithesis, that is, when the teacher-student relationship is guided by the recognition and appreciation of otherness. Starting from the methodological guidelines of qualitative research, we summarize our research problem in the following terms: What are the meanings of authoritarianism and otherness in Paulo Freire and their possible contributions to school formation? Through this question, we aim to understand the concepts of authoritarianism and otherness in the school context, and their effects on school education, through the analysis of the works *Pedagogy of Autonomy*, *Pedagogy of the Oppressed* and *Pedagogy of possible dreams*, by Paulo Freire.

KEYWORDS: Authoritarianism; Otherness; Teacher-student relationship; School,

¹ Instituto Federal de São Paulo-IFSP-Campus Birigui; Discente do curso Licenciatura em Matemática. GEPEES – Grupo de estudo de pesquisa, educação, ética e sociedade. email: douglas.b@aluno.ifsp.edu.br

² Instituto Federal de São Paulo-IFSP-Campus Birigui; Docente de Filosofia da Educação do IFSP; Doutor em Filosofia da Educação-UNESP; GEPEES – Grupo de estudo de pesquisa, educação, ética e sociedade. email: genivaldo@ifsp.edu.br



1. Introdução

A presente pesquisa visa contribuir no debate acerca da configuração do autoritarismo no contexto escolar, contrastando com a relação professor-aluno quando esta é pautada pelo reconhecimento e pela valorização da alteridade. Sintetizamos nosso problema de pesquisa nos seguintes termos: Quais os sentidos do autoritarismo e da alteridade em Paulo Freire e suas possíveis contribuições à formação escolar? Por meio dessa questão, visamos compreender os conceitos de autoritarismo e alteridade no contexto escolar, e seus efeitos na formação escolar. Para tanto, a partir das orientações metodológicas da pesquisa qualitativa, analisaremos as obras *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia dos sonhos possíveis*, de Paulo Freire (1974, 2019, 2020)

Primeiramente analisaremos o conceito de alteridade, para termos uma compreensão mais profunda sobre o Outro e como se dá sua relação com ele. Por seu lado, o autoritarismo exige um outro para que se estabeleça sua prática, mesmo que esse outro seja invisibilizado, sua presença é inegável, e podemos entender melhor esse Outro a partir da alteridade. As relações em que se reconhece e se valoriza as alteritárias são totalmente antagônicas em relação ao autoritarismo, na medida em que este subalterniza o Outro para ser. E é por isso que resolvemos tratar ambos os temas em conjunto, pois utilizando como base as relações de alteridade para subsidiar temáticas que vão contra relações autoritárias, concebemos uma forma significativa para irmos na contramão dessas práticas tão evidentes na contemporaneidade.

Para o patrono da educação brasileira Paulo Freire, que em suas obras sempre demonstra uma grande preocupação com o Outro, principalmente no que concerne às suas formações tanto acadêmicas quanto pessoais, valeria a pena questionar o lugar que ocupa a alteridade nas suas obras, nomeadamente *Pedagogia do Oprimido* (1974), *Pedagogia da Autonomia* (2019) e *Pedagogia dos sonhos possíveis* (2020). Embora seja nítida a presença da figura do Outro, que aparece de forma implícita, ainda assim constatamos a necessidade de uma melhor compreensão sobre o tema a partir de autores que assumiram o tema da alteridade como centrais em seus trabalhos, dentre eles, o



filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas, que nos ajudará a perceber com precisão o lugar do tema nas obras freireanas.

2. Aproximações e distanciamentos entre as concepções de Alteridade em E. Lévinas e Paulo Freire

Definiremos alteridade, ainda que de modo sumário, como o “encontro com o Rosto do Outro” (LÉVINAS, 1980, p. 285), isto é, uma relação constante com o que se refere ao Outro, principalmente a diferença que ele se encontra. Segundo Lévinas (1980, p. 24), a alteridade, a diferença em que o Outro se encontra, só é possível se ele permanecer sendo aquilo que ele é, isto é, quando em seu ponto de partida, em sua primeira manifestação, já se evidencia sua figura essencial.

O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma **alteridade anterior a toda a iniciativa**, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do Outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. (LÉVINAS, 1980, p. 26) [Grifo nosso]

O Outro para Lévinas (1980) é o Infinito, do qual só temos a ideia, por isso, não é possível dominá-lo, pois ele não é dedutível, suas ideias compõem sua própria natureza e estão além do Mesmo (Sujeito). O Outro é manifestado pelo Rosto, não um rosto composto por face, queixo, nariz, e sim alguém que manifesta uma expressão, uma linguagem, uma singularidade. O autor admite a ética como sendo a primeira filosofia, diferentemente de outras tendências filosóficas ocidentais e gregas que admitiam ser a ontologia a primeira forma de filosofia. O sentido da ética é justamente dizer que o outrem não deve se reduzir ao mesmo, pois isso pode estar relacionado a uma totalização, isto é, o indivíduo se deliberar totalmente a partir de si, e não levando em consideração a deliberação do Outro. Carrara (2019) diz que a separação, isto é, a não redução de outrem ao Mesmo, tendo em vista que cada ser é único em sua integridade, serve como negação a totalidade tão presente na filosofia Ocidental.



Freire (1974, 2019, 2020), diferentemente de Lévinas (1980), vai pensar o Outro sempre em comunhão, em um conjunto de pessoas que fazem parte de uma parcela da sociedade, no caso a pluralidade. Tanto é que ele irá dizer que quando escreveu *Pedagogia do Oprimido* não estava preocupado com especificidades humanas como, por exemplo, a cor, raça, gênero e sim com os oprimidos como classe social. A pluralidade é quando se pensa os seres de forma conjunta, diferentemente da singularidade que pensará apenas o ser único e suas peculiaridades. No livro *Pedagogia da Autonomia* o autor vai pensar o Outro no que diz respeito a ouvir o Outro, no contexto educativo, torná-lo parte do processo de ensino-aprendizagem e de sua formação.

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 2019, p. 111)

Então se percebe a necessidade de ouvir o Outro para só assim conseguir compreendê-lo e ser capaz de se comunicar com ele. Aquele que se nega a ouvir o Outro, que acredita que apenas sua fala é importante e que detém todo o conhecimento, não consegue reconhecer sua relação com a alteridade, porque não dá chance para que ele se manifeste como Outro, reproduzindo relações autoritárias, que serão aprofundadas mais adiante.

Paulo Freire (2019) trata a relação de alteridade a partir do diálogo, sendo utilizado a conjunção “com” para indicar algo feito em conjunto, em comunhão. Contudo, Lévinas (1979) vai dizer que a ideia de os seres humanos serem “com” os outros poderia dar impressão de que os sujeitos em diálogo são os mesmos, isto é; o Outro está reduzido ao Mesmo, o que vai contra sua ideia de metafísica (ética). Ele diz que cada ser se revela de uma natureza distinta, cada indivíduo tem suas especificidades que são reveladas quando acontece o encontro face-a-face. Os seres são “outramente” entre si, isto é; é preciso uma abertura ao Outro, uma transcendência para que haja o diálogo.

2.1. A importância da linguagem numa relação de alteridade



Adentramos em um conceito de suma importância quando se trata de uma relação de alteridade, principalmente no que concerne a se iniciar um diálogo com o Outro e a estabelecer o primeiro contato não visual: *a linguagem*. Apenas quando a linguagem é comum em ambas às partes se torna possível ocorrer à comunicação, ademais, o nosso grande diferencial enquanto seres humanos em relação aos animais é que desenvolvemos uma linguagem e assim fomos capazes de interpretar e traduzir o mundo, produzindo assim historicidade. Segundo Freire (2019) não existe mundo sem consciência. O mundo só foi reconhecido, pois houve um ser consciente que o rotulou de mundo e deu sentido para ele, fora isso seria apenas um local. Se não houvesse humanidade, não haveria consciência, logo não haveria mundo.

É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado. (FREIRE, 2019, p. 114)

É claro que Freire (2019) se preocupava com o próximo, desenhando uma concepção de alteridade em seus discursos e pensamentos. Ademais, ele defendia a ideia de uma educação problematizadora, que seria o contrário da educação bancária que discutiremos adiante, possibilitando os educandos a escrever sua própria história mediante a linguagem e a criticidade.

No que concerne a Lévinas (1980), há uma relação do encontro com o Rosto e a linguagem, necessária para a comunicação e inteligibilidade.

“Esforçar-nos-emos por mostrar que a relação do Mesmo e do Outro — ao qual parecemos impor condições tão extraordinárias — é a linguagem. A linguagem desempenha de facto uma relação de tal maneira que os termos não são limítrofes nessa relação, que o Outro, apesar da relação com o Mesmo, permanece transcendente ao Mesmo.” (LÉVINAS, 1980, p.27)

Dito isso, é verificado que o encontro com o Outro não é apenas algo espontâneo, é preciso pré-requisitos para que a dialogicidade aconteça, assim como no contexto escolar em questão.

2.2. Uma visão alteritária na contradição opressores-oprimidos



Podemos pensar também a alteridade em Freire em sua maior obra *Pedagogia do Oprimido*, quando ele pensa naquele que está em condições de oprimido, que no caso é a figura que ele se assemelha devido às situações de complicações que ele passou na época em que o Brasil sofreu o golpe militar de 1964. Quando se fala em oprimidos, estamos nos referindo àqueles que vivem em condições precárias. Há um conceito chamado fatalismo, muito presente na obra *Pedagogia da Autonomia*. O fatalismo seria as tragédias do país democrático, onde ao ver pessoas em necessidade usa-se como respostas: não tem nada a se fazer, a realidade é essa mesma; ou até mesmo: encontramos-nos nessas condições, pois Deus quis assim.

2.3. O lugar da subjetividade e objetividade para Freire

Considerando a subjetividade e a objetividade, Freire (2019) dirá:

Confundir subjetividade com subjetivismo, com psicologismo, e negar-lhe a importância que tem no processo de transformação do mundo, da história, é cair num simplismo ingênuo. É admitir o impossível: um mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica homens sem mundo. Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração. (FREIRE, 2019, p. 51)

O subjetivismo e o objetivismo são extremos problemáticos, pois fugiria da ideia de humanismo tão essencial para que se tenha uma convivência mais justa. O primeiro é problemático, pois só será pensado o homem próprio, a única importância é o subjetivo. Essa relação pode acabar se tornando uma espécie de solipsismo, onde o sujeito reconhece apenas sua própria existência, não havendo um Outro além de si. Já o segundo exerce mais importância naquilo que não é humano, então será dado mais importância àquilo que é material, sem necessariamente pensar se o outro, também parte do processo na sociedade, está de acordo com seus interesses. Percebe-se que ambos os conceitos há certa negação da participação do Outro no processo de convivência, ou seja, são elementos que não teriam uma relação com a alteridade.

2.4. O Outro para Freire

Segundo Freire (2019), os opressores têm a tendência de transformar os oprimidos em coisas, isto é, em seres inanimados. Então quanto mais os opressores os tentam controlar, mais os transformam em coisa. E essa tendência de reificar a todos



encontra sentido em um certo tipo de sadismo. “O sadismo aparece, assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida” (FREIRE, 2019, p.64).

Lévinas (1980, p. 217) traz uma concepção parecida, concomitantemente com o sofrimento, dizendo que um indivíduo sofre não por ser objetivado, mas sim por ser limitado em sua subjetividade, isto é; quando ele é obrigado a se manter em seus próprios parâmetros. Ademais, o sujeito rancoroso, aquele que promove o sofrimento, necessita da reificação do Outro, porém não totalmente a sua reificação. Ele só se satisfaz quando o Outro está em seu domínio, e para que isso se concretize, é exigida sua lucidez e testemunho. O rancoroso deseja simultaneamente que o Outro tome consciência de sua reificação e permaneça sendo sujeito. E isso torna o ódio insaciável, pois é improvável que alguém coisificado se veja como sujeito, então o opressor continua ansiando por seu objetivo.

Essa visão necrófila, que do grego significa “amor à morte”, surge exclusivamente dos opressores que, ao oprimir, rechaçam toda a liberdade dos oprimidos, sendo que seus únicos anseios são dar ordens e tirar proveito dos excluídos da terra. Por isso é um amor à morte, pois seu único desejo é que os oprimidos continuem naquela posição, impedidos de *ser mais*. E seu maior pesadelo é que ocorra a revolução e assim os opressores se tornem os futuros oprimidos, pois basta aqueles que foram tirados à liberdade, se libertarem, que aqueles que os proibiam se sintam oprimidos.

Segundo o filósofo francês Michel Foucault (1999), antigamente nos regimes imperialistas, o poder público tinha o direito de fazer morrer e deixar viver, isto é; era possível matar alguém pela simples vontade do soberano e sua morte servia de lição para os insubmissos e criminosos. Deixava viver, porém o soberano detinha o poder sobre a morte dos seus súditos. Devido ao avanço da tecnologia, da ciência e pela desqualificação da morte com o passar do tempo, o poder soberano cedeu lugar ao que o autor denominou de Biopolítica, invertendo assim a lógica do poder, que passou a ser: fazer viver e deixar morrer.

Ora, agora que o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e



no "como" da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, e evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. (FOUCAULT, 1999, p. 295-296)

Para concluirmos, trazemos uma citação de Freire (2020, p. 118. Grifo nosso) encontrada na obra *Pedagogia dos Sonhos Possíveis* em que pela primeira vez vista o autor utilizando o termo Outro: “Em meu caso particular, o que eu consideraria como substantividade de minhas ideias – mas não a totalidade de minhas ideias – é que precisamos **respeitar o Outro**³”.

2.5. O autoritarismo e a licenciosidade para Freire

É fato que há autoritarismo na contradição opressores-oprimidos. Se pensarmos os opressores como aqueles que oprimem e proíbem os oprimidos do *ser mais*, essa relação revela um autoritarismo impregnado, pois sua definição mais suscita é que o autoritarismo é a total negação da liberdade do outro, ou seja, há apenas o indivíduo autoritário ditando todos os passos a serem seguidos, se mostrando como o único ser que detém o conhecimento, que se estabelece em uma relação de superioridade, tirania.

Sendo o autoritarismo a negação do Outro, há também uma relação inversa a essa, pautada em uma negação total da autoridade: a licenciosidade. Para Freire (2019) a autoridade e a liberdade devem sempre andar juntas, buscando o seu equilíbrio nas atividades pedagógicas. Freire (2020) também vai dizer que problemas de indisciplina dos alunos podem estar relacionados, na maioria das vezes, em desequilíbrios de duas vertentes: autoridade e liberdade. Quando a autoridade entra em desequilíbrio, não existe disciplina, o que há é autoritarismo. O ser autoritário anula a liberdade e, além disso, sua própria liberdade. Da mesma forma quando a liberdade se desequilibra, também não há disciplina, pois aí se torna licenciosidade, isto é; o aluno se sente no direito de fazer o que quiser e não pondera a dimensão de suas atitudes.

³ Nota-se que o Outro tem a letra inicial maiúscula, denotando assim sua dignidade. Um traço comum com Lévinas que também grafava o Outro desse modo.



2.6. O autoritarismo na educação bancária e a educação problematizadora de Freire

Em trâmites educacionais, Freire (2019) vai distinguir dois tipos de educação: bancária e problematizadora. A educação bancária seria aquela em que os conhecimentos são transmitidos ao aluno, sem que haja sua participação no processo. Nesse tipo de educação, o professor é o único agente ativo do processo, ele que ditará, planejará tudo sem ao menos pensar na outra parte crucial do processo de educação, os discentes. Então será uma relação de autoritarismo, onde os alunos serão apenas recipientes a serem preenchidos pelos conhecimentos que o professor tem a transmitir. Esse tipo de educação ainda é muito presente no Brasil, às vezes devido à formação precária do professor e outras porque o perfil da determinada escola segue esse parâmetro. De qualquer forma, é importante ressaltar que nem sempre é culpa do professor esse método bancário, algumas vezes isso é imperceptível por ele e outras é a forma que entidades superiores desejam que ele exerça sua função.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação de que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 2019, p. 81)

Essa alienação é dada devido a própria prática da educação bancária exigindo que o indivíduo a ser transmitido o conhecimento se aliene ao educador, ou seja, desejando que ele se torne um mero clone, proibindo-os assim sua liberdade e os moldando conforme melhor o convém. De acordo com Freire (2020, p. 116-117) os educadores precisam tomar alguns cuidados em suas práticas pedagógicas, entre eles está o cuidado para não cair em uma educação paternalista, que seria o educador tomar controle dos sonhos, da vida e aspirações dos educandos. Ademais, evitar tornar os educandos aspiradores de ideias do professor, como se estivessem canalizados. Em todas essas práticas anuncia-se a negação da alteridade do Outro, revelando, mesmo na sutileza, práticas de ensino autoritárias.

A educação problematizadora irá contradizer totalmente essa que acabamos de descrever. Ela irá dar foco à formação do indivíduo no que concerne tanto ao seu preparo pessoal quanto a sua formação acadêmica de forma crítica e participativa. Ela



irá trabalhar com a liberdade em conjunto com a autoridade, desenvolvendo assim um conceito que se chama *práxis*. A importância da *práxis* para Freire não é apenas no que diz respeito à educação, mas também em questões pessoais. Segundo Freire (2019), não existe palavra verdadeira se não houver *práxis*, pois se há o sacrifício da ação, acontece o que se chama de *verbalismo*, *palavreria*. Se, por outro lado, há o sacrifício da reflexão, acontece o que se chama de *ativismo*. O *verbalismo* é uma palavra oca, pois não se pode esperar qualquer mudança de um ser apenas reflexivo, portanto não há transformação, nem ação. Por outro lado, o *ativismo* nega também a *práxis* e com isso impossibilita o diálogo, pois ação sem reflexão não é nada além de palavras jogadas, ou ainda, no contexto político, uma luta sem argumentos.

E o diálogo, para Freire (2019), é um ato de amor ao mundo e aos homens, pois o verdadeiro revolucionário é revestido por esses sentimentos. Só a partir de sentimentos desse gênero que poderia se explicar um ato revolucionário, pois, preocupado com o mundo e os habitantes, promove um ato para transformar essa relação em algo mais favorável. É basicamente uma motivação daquele que percebe a necessidade de uma mudança, não apenas pensando de forma egocêntrica, àqueles que, parecidos com ele, às vezes não percebe a importância e muito menos sabe como agir, entretanto, há um tremendo sentimento de desconforto e anseio pela mudança. Ele ainda vai dizer que não há diálogo sem a fé nos homens, **pois a fé é encontrada antes mesmo de acontecer o primeiro encontro frente a frente**. Se não há fé, não há esperança naquele encontro, portanto acaba se tornando uma relação de superioridade e assim dispensa qualquer tipo de humildade, logo não há diálogo, mas sim uma imposição ao Outro. Quando há humildade, há um diálogo mais desprezioso e justo, se convergindo assim ao lugar de encontro, que seria um lugar onde não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos, mas sim uma relação de busca constante ao saber mais.

Visando ainda o autoritarismo, Freire (2020) vai discutir sobre o conceito de erro, afirmando que ele é um processo natural para a aprendizagem, devendo assim o professor mudar o conceito de erro para os alunos. O erro é o caminho para o aprendizado, coisa que para muitas pessoas e alunos pode vir a ser um problema ou até mesmo algo a se envergonhar. O educador dá um exemplo “o erro é como se estivéssemos procurando algo que está na esquina esquerda, porém fomos para a



direita”, isto é, é algo normal e ele te direciona, mostrando que aquele caminho não é o correto e assim faz com que você tome outro caminho.

“No momento em que, portanto, a compreensão do erro muda, primeiro, você necessariamente melhora o processamento da busca do conhecimento por parte da criança e, segundo, faz a educadora assumir-se mais humildemente. Terceiro, necessariamente faz a educadora diminuir sua carga de autoritarismo. É que, do ponto de vista do autoritarismo, quanto mais as crianças erram, tanto mais podem ser punidas. (FREIRE, 2020, p. 180)

Portanto é necessário lidar com o erro dos educandos de forma cautelosa, buscando sempre entender que aquele indivíduo está em processo de formação e o erro muitas vezes é o melhor caminho para que aquele discente aprenda de vez o respectivo assunto.

3. O Totalitarismo em Hannah Arendt

Hannah Arendt (1951), filósofa alemã do século XX, refletiu profundamente sobre o totalitarismo, especialmente em seu livro *Origens do Totalitarismo*, investigando a história da tirania e tudo aquilo que pôde ter contribuído para se instaurar essas ideologias políticas. O totalitarismo é um sistema político que tem como princípio a implementação de um governo totalitário, que irá centrar todo o poder em si mesmo. Essa ideologia foi utilizada pelo Hitler na Alemanha e Stálin na Rússia, sendo que ela teve fim com o falecimento de ambos os líderes. Sobre a autoridade, a autora afirmará:

Um pai pode perder a sua autoridade seja por bater em seu filho seja por discutir com ele, isto é, seja por comportar-se como um tirano ou por tratá-lo como igual.) Para que se possa conservar a autoridade é necessário o respeito pela pessoa ou pelo cargo; O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo, e a maneira mais segura de solapá-la é a chacota. (ARENDR, 1985, p. 28)

Não podemos confundir autoridade com autoritarismo. O autoritarismo, como explicado acima, é a autoridade exacerbada, ou seja, o excesso de autoridade que nega qualquer tipo de liberdade do Outro. Entretanto, a autoridade, que deve andar sempre junta com a liberdade, é algo necessário para qualquer pessoa que precisa gerenciar, organizar algum lugar. No caso do professor, é indubitável a autoridade dele na sala de aula, como forma de manter a organização e o controle daqueles que estão a cargo de aprender.



3.1. A influência do poder público nas instituições

Adentremos agora na posição do estado em relação à educação e como ele influencia nas práticas adotadas nas escolas nacionais. Antes disso, falaremos um pouco sobre alguns movimentos totalitários que ocorreram na história que podem estar relacionados com os conceitos que serão abordados. Então, começaremos distinguindo um movimento totalitário do regime totalitário. O primeiro é o caminho para a implementação do sistema. É quando há a intenção de implantá-lo, porém ainda há muitos antitotalitários, além do país se investir de outro regime.

Tomando como base o nazismo de Adolf Hitler, tem-se um real exemplo de como as coisas acontecem. Hitler em sua gestão tem total interesse em implantar o totalitarismo, e como o país não tinha nenhum histórico parecido, ele tem que recorrer ao que se chama de propagandas.

A propaganda segundo Arendt (2012, p. 476) “[...] é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário”, isto é, propagandas são formas de espalhar informações sobre determinado assunto, a fim de persuadir a população e países exteriores, e assim Hitler fez para de fato implementar o regime totalitário. O regime nada mais é do que a prática do totalitarismo já implantado no país. Alguns exemplos de regimes totalitários são o nazismo e o stalinismo. O grande problema desses regimes são as obsessões de oprimir a todos e de ter controle total do país, inclusive do destino de todos os cidadãos.

Em relação à tomada do poder, Arendt (2012, p. 456) vai ressaltar que “A tomada do poder através dos instrumentos de violência nunca é um fim em si mesmo, mas apenas um meio para um fim, e a tomada do poder em qualquer país é apenas uma etapa transitória e nunca o fim do movimento”. Dito isso, refletimos sobre as influências desse tipo de regime em um país, especificamente na educação.

Com efeito, as escolas no país devem seguir ordens de diversos departamentos superiores, documentos etc. O governo tem influência considerável nessa prática, tendo em vista que ele irá dizer quais as práticas que ele defende e deseja para as escolas. Então se o governo tem ações autoritárias, logo a tendência é que as escolas utilizem das mesmas práticas. Portanto, podemos dizer que nem sempre o professor é o responsável por determinadas práticas, tendo em vista sua obrigação de seguir o sistema. É fato que



isso acontece, mas, segundo Fleuri (2001) em sua obra *Educar para quê?*, após relatar uma atividade diferenciada que realizou com alguns de seus alunos, valorizando a participação deles em uma questão levantada em aula, vai dizer:

De minha parte, fiquei ainda mais convencido de que meu trabalho de professor não podia se reduzir ao cumprimento do papel repressivo e alienante que a instituição me atribuía. Além disso, descobri que a potencialidade para se superar as contradições da escola e da sociedade encontrava-se sobretudo nas próprias pessoas. Percebi, enfim, que, para se ativar esta potencialidade, é preciso construir um autêntico relacionamento de reciprocidade entre as pessoas a partir do enfrentamento conjunto de problemas comuns, mesmo que, na escola, elas tenham formalmente o papel de professor ou de aluno. (FLEURI, 2001, p. 45)

Apesar de todo o sistema alienante, como ele diz, foi possível inovar, sendo que as iniciativas dos professores são fundamentais para que práticas autoritárias vão se tornando obsoletas.

A manipulação, na teoria da ação antidialógica, tal como a conquista a que serve, tem de anestesiá-las as massas populares para que não pensem. Se as massas associam à sua emergência, à sua presença no processo histórico, um pensar crítico sobre este mesmo processo, sobre sua realidade, então sua ameaça se concretiza na revolução. Chame-se a este pensar certo de “consciência revolucionária” ou de “consciência de classe”, é indispensável à revolução, que não se faz sem ele. As elites dominadoras sabem tão bem disto que, em certos níveis seus, até instintivamente, usam todos os meios, mesmo a violência física, para proibir que as massas pensem. (FREIRE, 1974, p. 200-201)

Visto que é pertinente essas atitudes de conservação da massa; isto é, esse interesse exclusivo da elite dominadora ou até mesmo de governos totalitários de impedir ou evitar que as massas desfrutem de sua liberdade se apropriando de algo natural do ser humano que é o pensamento livre, elas de certa forma persistem em um sistema onde o interesse é o domínio total e os seres humanos são vistos como seres inanimados, como vai dizer Arendt (1951, p. 631) “[...] o pensamento, como a mais livre e a mais pura das atividades humanas, é exatamente o oposto do processo compulsório de dedução”. Ou seja, essas elites e esses governos totalitários têm como política a dedução das ações de todos na sociedade, e a restrição que eles fazem para as massas não pensarem é justamente um meio para que essas deduções continuem, pois se pensam, não são dedutíveis.



O poder autoritário, de acordo com Freire (2019), tem um objetivo no que concerne à educação: impedir que os discentes se tornem seres críticos na sociedade, e assim favorecem as práticas da educação “bancária”, com o intuito de formar cidadãos que apenas sejam capazes de aceitarem qualquer tipo de decisão, preservando assim a alienação ao sistema, além de serem meros repetidores de ideias externas durante sua formação.

Considerações Finais

Percebemos quão problemáticas são as práticas que envolvem o autoritarismo, especialmente a presente na educação bancária, e o tanto que influencia na vida dos jovens e os prejuízos ao desenvolvimento social, devido a essa lacuna ético-política na formação dos indivíduos.

Por outro lado, também verificamos a importância da alteridade, no qual se encontra em temas cruciais em nosso cotidiano como, por exemplo, no diálogo, na linguagem, na abordagem que estabelecemos diante do Outro (ética), no ato de ouvir o Outro, no respeito, bem como em nossas vidas. Ademais, ainda visualizamos a proposta revolucionária de pedagogia de Freire (2019), uma pedagogia que valoriza todas as concepções que viemos defendendo, uma prática que detém seu devido espaço no EJA (Ensino de Jovens e Adultos) brasileiro, que é a pedagogia problematizadora ou libertadora.

Por fim, é notório que a pesquisa ainda tem muito a caminhar, se desenvolver. Seria utópico encontrar respostas que resolverão todos os problemas da educação brasileira atualmente, pois sabemos a dimensão demasiada complexa para atingir isso. É claro que a educação não é inexorável, ela está em constante mudança, além de ser revestida por inúmeras diversidades em seu viés. Logo, está fora de nosso alcance desenvolver uma receita para todos os problemas que ela enfrenta cotidianamente. O que fizemos foi tratar de temas emergentes na educação, de modo a colaborar, mesmo que de forma particular, nas práticas docentes. A questão do autoritarismo ainda é muito frequente nas escolas brasileiras, e por vezes é uma questão que passa despercebida até mesmo pelos docentes. Por isso trouxemos a questão da alteridade, para instigar os leitores a ter um olhar mais atento ao Outro, a perceber, ou relembrar que os discentes



são as figuras principais do processo ensino-aprendizagem. Pois, como já dizia Paulo Freire (2019), não existe docência sem discentes, nem discentes sem docência. E assim concluímos esse pedaço de nossa pesquisa, cientes que haverá diversos outros pedaços para constituir nosso desejo: de uma educação de igualdade, qualidade, sem autoritarismo, onde todos são valorizados, e onde a construção do conhecimento e da vida seja uma vontade assentida. “A luta coerente por este sonho exige de nós respeito pelos outros, assunção do dever de cumprir nossas tarefas, de brigar por nossos direitos, de não fugir à obrigação de intervir como educador ou educadora, de estabelecer limites à nossa autoridade como à liberdade dos educandos. (FREIRE, 2020, p. 254)

Referências

ARENDDT, H. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 1. Ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

ARENDDT, H. **Da Violência**. Brasília: UnB, 1985.

CARRARA, O. V. As Raízes do Totalitarismo segundo Lévinas. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, 2019.

FLEURI, R. M. **Educar para quê?:** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martin Fontes, p. 1-21, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 71. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GUEDES, E. C. **Alteridade e Diálogo: Uma meta-arqueologia da educação a partir de Emmanuel Lévinas e Paulo Freire**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2007.

LÉVINAS, E. **El Tiempo y el Outro**. Trad. José Luis Pardo Torío. Barcelona: Edicione Paidós, 1979.

LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Trad. De José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980